

A concepção de sistema em Kant e Fichte

[The conception of system in Kant and Fichte]

Luís Eduardo Ramos de Souza*

Universidade Federal do Pará (Belém, PA, Brasil)

Introdução¹

Acerca do cotejo geral entre a filosofia de Kant e Fichte, Guérault (1920) destaca a visão comum dos dois filósofos quanto a uma atividade subjetiva como princípio fundador da filosofia, enquanto Beiser (1982) e Zöllner (2007) sustentam que ambos participam do mesmo programa epistemológico de fundar a ciência em uma filosofia primeira, além de eles conferirem a primazia do sistema prático sobre o teórico.

Em particular, acerca da questão do sistema, Marques (1987) dedica um estudo deste tema em Kant e Sallis (1976) em Fichte. Em seu livro, Marques visa mostrar o papel central da terceira *Crítica* e, em particular, do conceito de organismo, na articulação do sistema crítico como um todo, sendo úteis as suas indicações das passagens em que Kant trata da questão do sistema. Em seu artigo, Sallis propõe-se a refutar algumas objeções à concepção da filosofia como sistema, tomando por apoio a filosofia de Fichte.

1. A concepção de sistema em Kant

O lugar especial que Kant reserva para tratar da questão do sistema é a parte final da primeira e da terceira *Crítica* (a Doutrina transcendental do método), embora ele não o faça aí exclusivamente, abordando-o de modo relevante também na parte inicial destas duas obras (Prefácio da *CRPu* e Introdução da *CFJ*), bem como em diversas outras passagens ao longo das três *Críticas*.

* Email: lued@ufpa.br

¹ Abreviaturas usadas: *CRPu* (Crítica da razão pura), *CRPt* (Crítica da razão prática), *CFJ* (Crítica da faculdade do juízo), Doutrina-da-ciência (DC); Conceito da doutrina-da-ciência (CDC).

Antes de esclarecer o próprio o conceito de sistema em Kant, convém fazer uma distinção preliminar e essencial para a adequada compreensão do mesmo. Trata-se de indicar a referência ou o objeto implícito no seu conceito de sistema. Com efeito, Kant subentende dois objetos distintos no conceito de sistema, a saber: o sistema *arquitetônico* e o sistema *tabular*. O sistema arquitetônico refere-se à visão estrutural, global ou macroscópica do sistema, tal como é exemplificado nos seus três sistemas críticos (*CRPu*, *CRPt*, *CFJ*) e nos diversos sistemas do saber humano em geral (a ciência em geral e a metafísica).² O sistema tabular refere-se à visão taxionômica, parcial ou microscópica do sistema, cujos exemplos são dados nos subsistemas ou microsistemas das diversas tábuas dos conceitos e princípios *a priori*, quer teóricos, práticos ou estéticos (tal como o sistema das categorias, o sistema dos princípios do entendimento e da razão, o sistema dos princípios morais, o sistema dos juízos do gosto, etc.).³ Para Kant, os sistemas tabulares são subsistemas contidos em sistemas maiores, isto é, os sistemas arquitetônicos (ou macrosistemas); inversamente, os sistemas arquitetônicos contêm ou são formados pelos sistemas tabulares (ou microsistemas).

Quanto à definição de sistema, Kant diz que o sistema é a unidade dos diversos conhecimentos a partir de uma ideia (*CRPu*, B 860).⁴ Neste seu conceito, o sistema é um conjunto de elementos heterogêneos, articulados entre si por um determinado princípio (ou 'ideia'). Kant compreende este princípio ordenador em sentidos diferentes, conforme as referências do sistema, acima indicadas (isto é, os sistemas arquitetônicos e tabulares). Em ambos os casos, ele estabelece em geral um par de princípios para ordenar os elementos do sistema.

Por um lado, do ponto de vista estrutural (isto é, dos sistemas arquitetônicos), este princípio é definido pelo conceito de *fim*, assumindo este, por sua vez, dois significados distintos: o de *fim supremo* e o de *fim teleológico* (o primeiro aparece na *CRPu* e na *CRPt*, e o segundo na *CFJ*). O fim supremo é um princípio de *hierarquia* entre os sistemas e depende de uma determinada valoração dos diversos fins ou usos da razão, sendo este fim identificado à moral, daí resultar a tese de Kant da primazia ou prioridade do sistema prático sobre o teórico (*CRPu*, B 860-79; *CRPt*, A

² Kant trata dos sistemas arquitetônicos na parte inicial da primeira e da terceira *Crítica* e no final da primeira.

³ Kant apresenta os sistemas tabulares regularmente distribuídos ao longo das três *Críticas*.

⁴ Kant esclarece, ainda, nesta passagem da *Arquitetônica*, que a filosofia é a 'arte dos sistemas', mais precisamente, a doutrina da sistematização de todo o conhecimento em geral segundo um fim ou princípio, a qual pode ser concebida sob duplo aspecto: escolástico e mundano. A filosofia escolástica sistematiza o conhecimento segundo um princípio meramente lógico (ou 'fortuito'), ao passo que a filosofia mundana de acordo com um princípio ético (ou 'essencial') [B 866-8].

215-19). O fim teleológico é um princípio de *mediação* entre os sistemas, por meio do qual os sistemas teórico e prático são articulados pelo sistema estético (*CFJ*, B xx-xxv; liii-lvii)^{5,6}. Por outro lado, do ponto de vista taxionômico (isto é, dos sistemas tabulares), Kant usa dois princípios ordenadores destes sistemas: o *princípio matemático* e o *princípio dinâmico*. Em linhas gerais, o primeiro apresenta conceitos e princípios sem correlato, ao passo que o segundo com correlato, os quais são, por sua vez, subdivididos de modo a produzir a divisão em quatro classes de conceitos e princípios contidos nos sistemas tabulares presente nas três *Críticas*, a saber: a quantidade, a qualidade, a relação e a modalidade (os dois primeiros são matemáticos e os dois últimos dinâmicos).

2. As propriedades do sistema em Kant

Inicialmente, convém destacar que Kant trata as propriedades do sistema (completude, unidade e correção) de modo difuso, desigual e sobreposto ao próprio conceito de sistema. Com efeito, as passagens referentes a este tema nas suas obras são bastante disseminadas, há uma ênfase maior à reflexão sobre as duas primeiras propriedades, além de ser mesclada ao próprio conceito de sistema (por exemplo, no uso da expressão ‘unidade completamente sistemática’ (*CRPt*, A 162)). Além disso, ele trata as propriedades do sistema de modo similar ao do conceito de sistema, ao considerá-las do ponto de vista arquitetônico (macrosistêmico) e tabular (microsistêmico). Em linhas gerais, Kant defende a tese da completude, unidade e correção dos seus sistemas arquitetônicos e tabulares.

a) A completude do sistema

Em primeiro lugar, quanto aos sistemas arquitetônicos, Kant afirma a completude dos sistemas teórico (*CRPu*, B 873), prático e estético. Para ele, todos os conceitos e princípios puros de cada um destes três sistemas são apresentados sem admitir-se qualquer exceção ou acréscimo.⁷ Embora

⁵ Kant trata do problema da relação entre estes dois princípios também no Apêndice da terceira *Crítica* (*CFJ*, Doutrina do Método, §§ 79-91). Em linhas gerais, ele propõe uma complementariedade entre ambos: de um lado, o princípio teleológico estabelece o elo entre o sistema teórico e o prático e, de outro, o fim supremo determina a supremacia do prático sobre o teórico.

⁶ Nas duas primeiras *Críticas*, Kant visa também a articulação entre o sistema arquitetônico prático e o teórico por meio do postulado de Deus (*CRPu*, B 570-85; *CRPt*, A 223-37).

⁷ Comparativamente, o sistema teórico contém numerosos conceitos e princípios, dentre os quais os mais importantes são as intuições e os conceitos. O sistema prático contém um único conceito e princípio, a saber, o conceito de liberdade e o princípio da moralidade. Finalmente, o sistema estético contém um só princípio e três conceitos, isto é, o princípio de finalidade e os conceitos do belo, do sublime e do organismo.

relacionados de algum modo entre si (através do princípio supremo e do teleológico), estes sistemas são autossuficientes do ponto de vista da legislação própria que eles possuem sobre seus respectivos objetos.

Kant confronta a completude do seu sistema teórico a de outros sistemas, nomeadamente, ao da filosofia transcendental e a do sistema da razão pura (*CRPu*, B 24-30/ 860-79). Disso resulta ser a *CRPu* um sistema incompleto em relação a ambos, porém, em sentido diferente, pois é equivalente ou mais forte que o primeiro, e mais fraco que o segundo. De um lado, Kant diz ser a *CRPu* o sistema completo de todos os conceitos e princípios *a priori*, embora incompleto em face da filosofia transcendental por este ser o sistema de todos os conceitos e princípios sintéticos *a priori* e também dos analíticos; porém, uma vez que estes últimos (analíticos) são dedutíveis dos primeiros (sintéticos), então o sistema da *CRPu* é no mínimo equivalente, ou mesmo, mais forte que o da filosofia transcendental. De outro lado, Kant admite a possibilidade da construção do sistema da razão pura (ou metafísica) enquanto um sistema superior ou mais forte que o da própria *CRPu*, por conter todos os conceitos e princípios puros para obter todos os conhecimentos puros; todavia, tal supersistema é ainda apenas um projeto para o qual a *CRPu* é um sistema preparatório (propedêutico) (*CRPu*, B 25-6; *CFJ*, B vi). Da completude do grande sistema da razão pura é dedutível a completude dos sistemas teórico, prático e estético.

Em segundo lugar, quanto aos sistemas tabulares, Kant afirma de modo enfático e redundante a completude de todos eles, baseado em geral no uso dos princípios matemático e dinâmico. Como exemplo, Kant cita a completude do sistema dos conceitos e princípios puros em geral (*CRPu*, A xxi, B 25-6, B 346), a do sistema das categorias (*CRPu*, B 89, B 92, B 107-9, B 121, B 146), a do sistema dos princípios do entendimento (*CRPu*, B 89-90, B 92, B 107, B 187-8, B 285), a do sistema das ideias da razão (*CRPu*, B 390-6); a do sistema do conceito de liberdade (*CRPt*, A 117), a do sistema dos juízos de gosto (*CFJ*, §§ 1, 6, 11, 22). Em sentido um pouco diferente, Kant fala da completude específica dos princípios heurísticos da razão, a qual visa a completude ideal do conhecimento científico. Estes sistemas tabulares não são dedutíveis entre si⁸, embora sejam relacionáveis de modo geral pelos princípios matemáticos e dinâmicos.

b) A unidade do sistema

Inicialmente, convém esclarecer que Kant não distingue explicitamente os conceitos de *unidade* e *unicidade* do sistema (sendo mais

⁸ Exceção feita, em certo sentido, no caso do sistema dos juízos e das categorias (ver adiante tópico 2.c)

comum o uso do primeiro termo), além de fundir o conceito de unidade ao de sistema (por exemplo, no uso frequente da expressão ‘unidade sistemática’ (CRPu, B 862, 873; CFJ, B lviii). Em sentido mais preciso, porém, pode-se dizer que a unidade significa a *conexão geral* dos elementos do sistema, enquanto a unicidade a existência de um *único* sistema.

De fato, Kant compreende o conceito de unidade em pelo menos três sentidos diferentes. Primeiro, a unidade como a *conexão geral* das partes de um todo – como, por exemplo, no uso, em diversas passagens, de expressões semelhantes junto a este conceito, tais como concatenação (*Zusammenhang*) (CRPu, B 394, 673, 708, 869), articulação (*Artikulation, articulatio*) (CRPu, A xix, B 90, B 861, B 862), ordem (*Ordnung*) (CRPu, B 91-2), estrutura (*Gliederbau*) (CRPu, A xix/ B xliv), organismo (*organisiert Wesen*) (CRPu, B xxiii, B 861; CFJ, §§ 65-8), perfeição (*Vollkommenheit*) (CRPu, A xiii). Segundo, a unidade como a *síntese* ou *ligação* de elementos heterogêneos – como, por exemplo, a unidade das categorias (CRPu, B §§ 10, 24), a unidade da imaginação (CRPu, B 104, B 151 ss.), a unidade da apercepção (CRPu, §§ 16 ss.). Terceiro, a unidade enquanto um *elemento autônomo* – como, por exemplo, ao caracterizar o entendimento como uma faculdade subsistente e absoluta (CRPu, B 90, B 92).

Este trabalho limitar-se-á as duas primeiras significações da unidade em Kant, isto é, enquanto conexão geral e síntese das partes de um sistema, ou dos próprios sistemas entre si. Com efeito, de um lado, tanto os sistemas arquitetônicos como os tabulares possuem uma unidade, no sentido de que seus elementos são concatenados ou articulados entre si à semelhança das partes interdependentes de um organismo ou ser vivo. Como exemplo, Kant cita, quanto aos sistemas arquitetônicos, a unidade do sistema da razão pura (CRPu, B 873), do sistema teórico (CRPu, A xiii), do sistema prático (CRPu, B 839), do sistema das faculdades (CFJ, B lviii), do sistema dos fins (CRPu, B 832-47, B 854); quanto aos sistemas tabulares, ele menciona a unidade do sistema das categorias (CRPu, B 90, B 92) e a unidade específica dos princípios da razão (CRPu, B 596, B 675, B 676-90, B 708-30) (esta última visa a unidade ideal do conhecimento científico). Por outro lado – sem entrar no mérito da questão – os sistemas arquitetônicos e tabulares possuem também uma unidade, entendida enquanto síntese de partes heterogêneas, tal como, por exemplo, a unidade ou síntese produzida pelo sistema dos esquemas (imaginação), pelo sistema das categorias (entendimento), pelo sistema da apercepção (eu penso) e, por último, pelo sistema estético (faculdade do juízo).

Embora Kant não distinga claramente o conceito de unidade e o de unicidade do sistema⁹, pode-se, todavia, entrever sua compreensão da unicidade sob duplo aspecto: na projeção do *sistema da razão pura* (metafísica) e na questão da *raiz comum* (CRPu, B 29, B 863, B 870, B 873; CFJ, B 259). No primeiro caso, Kant indica que todos os sistemas do saber em geral podem ser reunidos em um *único* sistema, um supersistema, denominado por ele de sistema da razão pura ou sistema da metafísica, porém, cuja unicidade é apenas projetada ou ideal. No segundo caso – sem entrar novamente no mérito da questão –, ele aponta para um fundamento *único* de todas as faculdades em geral, porém, cuja unicidade tem uma referência polivalente e controversa, dado que tal raiz comum pode ser interpretada como a razão pura (CRPu, B 870; CRPt, A 159, A 162), a mente (CFJ, A Intr. III), a alma (CRPu, B xxii-xxiii, B lvi) e a imaginação.¹⁰

c) A correção do sistema

A propriedade da correção é talvez a mais superficialmente tratada por Kant, parecendo, às vezes, assimilá-la à da completude, ao supor que se o sistema é completo, então é correto¹¹. Não obstante, é possível encontrar-se em seu pensamento algumas reflexões sobre o conceito e a base da correção do sistema.

Quanto ao conceito de correção, Kant apresenta duas notas explicativas mutuamente implicadas: primeira, a correção do sistema deve ser fixada de modo puro, e não empírico (CRPu, B 6, B 27); segunda, a correção é de caráter necessário.¹² Portanto, a correção do sistema é determinada apenas por critérios formais (pureza e necessidade).

Quanto à base da correção, Kant sustenta a tese de que a correção de dados sistemas (arquitetônicos ou tabulares) garantem a correção dos demais sistemas correspondentes. No caso dos sistemas arquitetônicos, ele

⁹ Uma breve distinção é encontrada nesta passagem: “Todo conhecimento puro *a priori*, graças à *única* faculdade particular de conhecimento onde pode ter a sua sede, constitui uma *unidade* particular” (CRPu, B 873). Em particular, quanto ao sistema teórico, Kant distingue a sua unidade (CRPu, A xiii) da sua unicidade (CFJ, B v).

¹⁰ CRPu, B 104. A tese de que a imaginação é a raiz comum é sustentada, mediante argumentos distintos, por Hamann (1800), Maimon (1790), Fichte (1794) e Heidegger (1929). Cf. Gil (1992, *passim*).

¹¹ “O conjunto dos seus conhecimentos [isto é, as categorias do entendimento] [...], cuja *completude* e articulação podem fornecer ao mesmo tempo uma pedra de toque da *correção* e respeitabilidade de todas as partes do conhecimento que nele se incluem” (CRPu, B90).

¹² CRPu, A xv. (Na verdade, Kant trata nesta passagem da questão da *certeza* acerca do sistema teórico, a qual foi aqui aproximada à da *correção* por ter em comum um posicionamento do sujeito quanto à *segurança* do sistema proposto).

afirma que o sistema teórico serve de ‘padrão de medida’ (*Richtmaß*) para todos os outros sistemas (prático e estético) (*CRPu*, A xv; *CRPt*, A 31-2). No caso dos sistemas tabulares, Kant considera que a correção do sistema dos juízos lógicos (*CRPu*, B 91-101) é a base para a correção do sistema das categorias (*CRPu*, B 105-6) e, por sua vez, este serve de base para a correção do sistema dos princípios puros do entendimento (*CRPu*, B 187). Portanto, para Kant, a correção dos sistemas em geral depende de supor como base um sistema correto de modo absoluto.

3. A concepção de sistema em Fichte

Fichte desenvolve sua concepção de sistema especialmente no texto *Conceito da doutrina-da-ciência* (1794), o qual antecedeu a publicação da sua *Doutrina-da-ciência* (1794)¹³. Em linhas gerais, seus principais objetivos são aí os seguintes: (i) mostrar que a *DC* é um sistema; (ii) evidenciar a relação da *DC* aos outros sistemas em geral; (iii) indicar o princípio fundamental do sistema da *DC*; (iv) determinar as propriedades do sistema da *DC*. Neste tópico serão abordados os três primeiros pontos e no próximo o quarto.

Quanto ao primeiro ponto, Fichte argumenta que a filosofia é uma ciência e que toda ciência é um sistema (*CDC*, § 1, B 38-9). A partir daí, apresenta a tese de que a *DC* é a ciência de todas as ciências, isto é, o sistema (ou supersistema) que deduz todos os outros sistemas em geral (*CDC*, § 2, B 46-7 / § 2, B 55). Além disso, afirma que todo sistema tem conteúdo e forma, sendo estes identificados, respectivamente, às proposições e as suas conexões em geral.¹⁴

Quanto ao segundo ponto, acerca da relação geral entre o sistema da *DC* e os demais sistemas do saber, Fichte levanta três hipóteses e defende uma delas (*CDC*, § 2, B 52-4). A primeira hipótese, sustentada por ele, é a suposição da *DC* como um *sistema absoluto ou fechado*, cujo conteúdo e forma determinam de algum modo a forma e o conteúdo de todos os sistemas dela dedutíveis (*CDC*, § 3, B 55-7). A segunda hipótese é a concepção da *DC* como um *sistema aberto*, no sentido de ser dedutível de outro sistema superior a ele, e assim ao infinito. Por fim, a terceira hipótese é a visão da *DC* como um *sistema autônomo*, de modo que ela e os demais sistemas em geral seriam independentes entre si e autofundantes. Diante de

¹³ Cf. R. Filho (1975, p. 41-9) e J. Bonaccini (2007, p. 47-61).

¹⁴ *CDC*, B 43. Convém notar que, para Fichte, os conceitos de conteúdo e forma têm referência variável: no caso do Eu, o conteúdo é a ação e a forma o modo-de-ação (*CDC*, B 70-1); no caso da proposição, o conteúdo são os conceitos e a forma a ligação entre eles (*CDC*, B 49).

tais alternativas, Fichte defende a tese de que a *DC* é um sistema fechado por ser incondicionado.¹⁵

Quanto ao terceiro ponto, Fichte propõe um princípio fundamental ao sistema da *DC* e, embora não o revele neste texto, trata-se do Eu Puro. Para ele, este princípio tem as seguintes características: é indemonstrável (*CDC*, B 47-8); é puro e imediatamente certo¹⁶; o seu conteúdo e a sua forma é inseparável (*CDC*, B 49, 66, 70) e incondicionado (*CDC*, B 50; *DC*, C 91, 105). Portanto, para Fichte, a *DC* é um sistema fechado constituído por um único princípio, o qual é introduzido à semelhança de um axioma (exceto pela suposta unidade entre conteúdo e forma que aquele possui).

4. As propriedades do sistema em Fichte

Fichte discorre com mais clareza acerca das propriedades do sistema, distinguindo e demonstrando a completude, a unicidade e a correção – embora algumas das suas provas envolvam dificuldades lógicas. As duas primeiras propriedades do sistema são justificadas no § 4 e a última no § 7 do referido texto.

a) A completude do sistema

Fichte define a completude do sistema do seguinte modo: “se o princípio fundamental conduz a todas as proposições estabelecidas, e [se] todas as proposições estabelecidas reconduzem necessariamente a ele” (*CDC*, B 58). Em termos lógicos, a definição de completude proposta por Fichte é formulável através da seguinte sentença bicondicional: ‘o princípio fundamental conduz a todas as proposições estabelecidas se só se todas as proposições estabelecidas conduzem ao princípio fundamental’. Segundo esta definição, um sistema é completo se satisfaz duas condições mutuamente implicadas: primeira, deduz do seu princípio a totalidade das proposições e, segunda, infere da totalidade das proposições o seu princípio.

Fichte apresenta uma prova diferente para cada uma destas duas condições, sendo que a primeira ele chama de *prova negativa*, e a segunda de *prova positiva*. Em linhas gerais, a prova negativa é mais fraca, pois

¹⁵ Em certo sentido, as três alternativas propostas por Fichte lembra, respectivamente, o trilema de Münchhausen estabelecido contemporaneamente por Hans Albert, a saber: a parada dogmática, o regresso ao infinito e o círculo vicioso (*Tratado da razão crítica*, 1976, p. 26-7).

¹⁶ *CDC*, B 48. No *Princípio da doutrina-da-ciência* (1797, A 363-80) e no *Comunicado à doutrina-da-ciência* (1801, A 522-34), Fichte admite que a apreensão deste princípio fundamental (Eu Puro) se dá mediante a *intuição intelectual*.

garante a completude pela exclusão de todas as proposições que contradigam o princípio fundamental, enquanto a prova positiva é mais forte por assegurar a completude pela dedução ou inferência de todas as proposições a partir do princípio fundamental do sistema.

A prova negativa da completude é mais fraca pelo fato de ser formal e indireta, baseada no princípio lógico da não contradição, através da qual são garantidas dentro do sistema *todas* as proposições que não contradigam o seu princípio, portanto, excluem-se dele todas as proposições que o contradigam.¹⁷ A prova positiva da completude é mais forte por ser direta e inferencial, por meio da qual é demonstrado o processo como *todas* as proposições (não contraditórias com o princípio) são dedutíveis do princípio do sistema.¹⁸

b) A unicidade do sistema

Para Fichte, a unicidade consiste em demonstrar que “somente pode haver um único sistema do saber humano” ou, inversamente, que “há no saber humano um sistema único”¹⁹. No fundo, a questão da unicidade é a de determinar a *DC* como um sistema fechado, isto é, como o supersistema que deduz todos os outros sistemas em geral. É a tarefa de mostrar que não há outro sistema concorrente à *DC* e que ela é suficiente para a dedução de qualquer sistema, quer científico ou filosófico.

Fichte elabora o que chama de uma *prova circular* para a unicidade do sistema, cuja validade lógica é problemática. No fundo, por meio desta prova, ele pretende mostrar mutuamente a unicidade do princípio e do sistema, do seguinte modo: se o princípio é único, então o sistema é único; e se o sistema é único, então o princípio é único.²⁰ Fichte admite ser esta a única prova possível para unicidade, sob a pena de o sistema tornar-se aberto.

Logicamente, esta prova circular envolve dificuldades. De um lado, incorre em petição de princípio, uma vez que supõe como provado para o

¹⁷ Em certo sentido, pode-se dizer que a prova negativa da completude, elaborada por Fichte, assemelha-se ao que atualmente se chama o *critério* ou a *prova da consistência* do sistema, a saber: um sistema é consistente se não deduz a partir dos seus princípios proposições contraditórias. Em particular, na visão de Fichte, a consistência é garantida pela simples eliminação do sistema das proposições contraditórias com o princípio fundamental do Eu Puro.

¹⁸ Na terminologia filosófica, poder-se-ia dizer que a prova negativa é *analítica*, ao passo que a prova positiva é *sintética (dialética)*. Na terminologia lógica, dir-se-ia que a prova negativa é *formal* e a positiva é *construtiva* ou *intuicionista*.

¹⁹ Ambas em *CDC*, B 60.

²⁰ Fichte refere-se à segunda parte desta tese da unicidade na *DC* (B115): “Esta [tese], referida ao nosso sistema, dá ao todo consistência e perfeição; ele tem que ser um sistema e *um* sistema [...]. Que em geral deva haver *um* sistema, funda-se na tese absoluta [segundo itálico acrescentado]”.

princípio e para o sistema aquilo que deveria provar, a saber, a unicidade de ambos. De outro, não é a única prova possível para a unicidade e sua recusa não implica em aceitar necessariamente um sistema aberto, uma vez que é possível supor um sistema fechado e único, constituído por vários princípios (e não um princípio único). Além disso, Fichte não usa aqui as provas tradicionais da unicidade – isto é, da redução ao absurdo e da identidade²¹ –, ao invés disso, ele argumenta, meramente, no início desta reflexão, que a suposição de qualquer outro sistema distinto da *DC* contradiz o sistema único (o que recai em nova petição de princípio).

c) A correção do sistema

Fichte considera a correção do sistema da *DC* em relação a dois sistemas diferentes: o sistema da ciência em geral e o sistema do espírito humano. Em linhas gerais, nesta confrontação, ele considera, por um lado, o sistema da *DC* como a base (padrão de medida) para a correção do sistema da ciência e, por outro, o sistema do espírito humano como a base para correção do próprio sistema da *DC*. Em ambos os casos, a correção é estabelecida pelo que ele chama de uma *prova verossímil*.

De um lado, Fichte afirma que a correção da forma e do conteúdo da *DC* determina a correção da forma e do conteúdo das ciências em geral ou, de modo inverso, que a correção destas depende da correção daquela. Porém, ele reconhece que somente é possível uma prova verossímil da correção do sistema da ciência em relação à *DC* pelo fato de a concordância entre ambos poder ser fundada em inferências incorretas.

De outro lado, ele assevera que a correção do sistema da *DC* é estabelecida pelo sistema do próprio espírito humano. Este último, diz Fichte, “é absolutamente certo e infalível” (*CDC*, B 76), cabendo ao primeiro ser “uma exposição acertada deste sistema” (*CDC*, B 77).²² Novamente, neste caso, ele admite ser possível apenas uma prova verossímil da correção do sistema da *DC* em relação ao sistema do espírito humano, uma vez admitida a própria limitação ou finitude do sujeito que reflete e expõe tal sistema.

²¹ A prova da redução ao absurdo para a unicidade consiste em supor um segundo princípio e, em seguida, mostrar que este implica em contradição, o que conduz a aceitação do primeiro princípio proposto. Por sua vez, a prova da identidade consiste em supor outro princípio e, na sequência, concluir que este é idêntico ao princípio proposto inicialmente.

²² De modo semelhante, Fichte escreve: “Ele [o sistema] deve ser uma imagem da verdadeira consciência efetiva [...]: nessa consciência deve haver o mesmo diverso, precisamente na mesma proporção em que está no produto de teu sistema [...]. Consideramos a doutrina-da-ciência como a imagem de uma parte da consciência efetiva” (*Comunicado...*, 1801, B 376-7). Noutra passagem da mesma obra, ele afirma: “Aquilo que é derivado pela *DC* deve [...] ser uma figuração acertada e completa da consciência fundamental” (B 394).

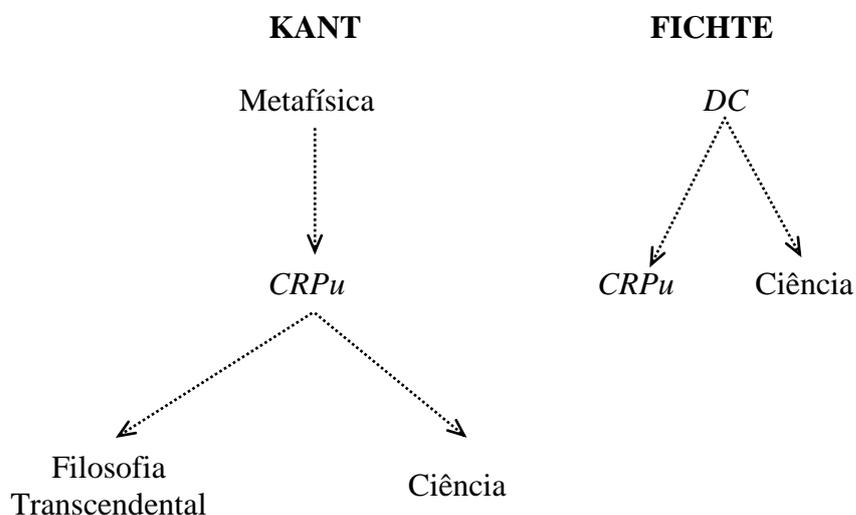
5. Conclusão

Acerca das concepções do sistema em Kant e Fichte, é possível desenvolverem-se algumas reflexões de natureza metateórica sobre tal conceito. Por questão didática, estas análises metateóricas serão divididas em dois tópicos, sendo o primeiro relativo ao conceito de sistema, e o segundo ao das propriedades do sistema.

a) O sistema em Kant e Fichte

A partir dos cinco principais conceitos de sistemas arquitetônicos identificados, acima, nas filosofias de Kant e Fichte (a saber, o sistema da metafísica, o sistema da filosofia transcendental, o sistema da ciência, o sistema da *CRPu* e o sistema da *DC*), bem como das conexões particulares estabelecidas entre os mesmos pelos dois filósofos, pode-se lançar luz, ao final desta exposição, sobre as inter-relações entre tais sistemas de um ponto de vista estrutural e metateórico.

Para facilitar esta exposição, o quadro a seguir (Quadro 1) mostra, antecipadamente, um esquema geral dos sistemas arquitetônicos e suas respectivas relações, segundo a visão particular de Kant e de Fichte:



(Quadro 1)

Kant (coluna esquerda): A *Metafísica* é o supersistema que deduz a *CRPu* e esta, por sua vez, deduz os sistemas da *Filosofia Transcendental* e da *Ciência* em geral. Para Kant, a *CRPu* admite um sistema superior, a *Metafísica*.

Fichte (coluna direita): A *DC* é o supersistema que deduz todos os sistemas, tanto a *Ciência* em geral como a própria *CRPu*. Para Fichte, a *DC* não admite qualquer sistema superior.

De imediato, a visão do Quadro 1 suscita o seguinte problema: como inter-relacionar as concepções e relações de sistemas propostos por Kant (coluna esquerda) e por Fichte (coluna direita)? Em linhas gerais, pode-se dizer que a resposta a esta questão depende de uma definição mais ampla e rigorosa do próprio conceito de sistema, de tal modo que se mostre como a partir deste conceito são compreensíveis as concepções e relações de sistemas apresentadas por Kant e Fichte.

Com efeito, para tornar possível a inter-relação geral destes vários conceitos de sistemas propostos pelos dois filósofos é necessária a suposição de algum princípio (definição) mais amplo que satisfaça pelo menos duas condições mínimas: primeira, contenha sob si estes diversos conceitos de sistemas elaborados em particular por Kant e Fichte e, segunda, permita realizar uma articulação em geral destes vários conceitos de sistemas. A primeira parte desta exigência pode ser satisfeita mediante a postulação ampla do próprio conceito de sistema, definido em geral como

um conjunto de partes em relação recíproca.²³ A segunda parte, por sua vez, pode ser satisfeita por meio de uma definição mais rigorosa do conceito de sistema aberto e fechado, delimitando-os, posteriormente, mediante os conceitos de relativo e absoluto.

Com base neste princípio geral, podem-se estabelecer quatro definições de sistemas para se compreender as relações estruturais e metateóricas acerca das concepções de Kant e Fichte, a saber:

- (1) Sistema fechado relativamente;
- (2) Sistema fechado absolutamente;
- (3) Sistema aberto relativamente;
- (4) Sistema aberto absolutamente.

Tal como será mostrado a seguir, a concepção de sistema em Kant satisfaz os conceitos (1) e (3), ao passo que a de Fichte recai sob o conceito (2). Por fim, o conceito (4) não é satisfeito inteiramente por qualquer dos dois filósofos.

De modo geral, por definição, pode-se dizer que o *sistema fechado* deduz no todo ou em parte outros sistemas e não admite sistemas equivalentes ou superiores (quer abertos ou fechados), enquanto o *sistema aberto* deduz em parte outros sistemas e admite necessariamente sistemas superiores (quer abertos ou fechados). Ambos os sistemas (aberto e fechado) podem ser considerados de modo *absoluto* e *relativo*. Por um lado, o sistema *fechado relativamente* (definição 1) é aquele que deduz uma *parte* dos sistemas e não admite sistemas equivalentes para realizar tal dedução, ao passo que o sistema *fechado absolutamente* (definição 2) é definido como aquele supersistema que deduz *todos* os outros sistemas e não admite qualquer sistema superior. Por outro lado, o sistema *aberto relativamente* (definição 3) é aquele que deduz uma *parte* dos sistemas e admite um número *finito* de sistemas superiores fechados, ao passo que o sistema *aberto absolutamente* (definição 4) é definido como aquele que deduz uma *parte* dos sistemas e admite um número *infinito* de sistemas superiores abertos.

A compreensão destas quatro definições de sistema pode ser facilitada através do quadro a seguir (Quadro 2), o qual pode ser colocado como referência para o estabelecimento das mesmas, e cujo ponto de partida são as próprias concepções e relações de sistemas propostas por Kant e Fichte (ver Quadro 1):

²³ Esta definição geral de sistema tem apoio em Kant (*CRPu*, B 860) e Fichte (*CDC*, B 38).

	SISTEMA FECHADO	SISTEMA ABERTO
RELATIVAMENTE	<p>Definição 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Deduz uma dada <i>classe</i> de sistemas <ul style="list-style-type: none"> • <u>Kant</u>: [$CRPu \rightarrow$ Ciência / Fil. Transc.] ➤ Não admite sistemas equivalentes (abertos ou fechados) <ul style="list-style-type: none"> • <u>Kant</u>: [$CRPu \rightarrow$ Hiper-críticas / DC] 	<p>Definição 3:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Deduz uma dada <i>classe</i> de sistemas <ul style="list-style-type: none"> • <u>Kant</u>: [$CRPu \rightarrow$ Ciência / Fil. Transc.] ➤ Admite finitos sistemas superiores (fechados) <ul style="list-style-type: none"> • <u>Kant</u>: [$CRPu \rightarrow$ Metafísica]
ABSOLUTAMENTE	<p>Definição 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Deduz <i>todos</i> os sistemas <ul style="list-style-type: none"> • <u>Kant</u>: [Metafísica \rightarrow $CRPu$ / $CRPt$ / CFJ / DC / Fil. Transc. / Ciência] • <u>Fichte</u>: [DC \rightarrow $CRPu$ / Ciência] ➤ Não admite sistemas superiores (abertos ou fechados) <ul style="list-style-type: none"> • <u>Kant</u>: [Metafísica = supersistema] • <u>Fichte</u>: [DC = supersistema] 	<p>Definição 4:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Deduz uma <i>classe</i> de sistemas <ul style="list-style-type: none"> • <u>Kant</u>: [$CRPu \rightarrow$ Ciência / Fil. Transc.] ➤ Admite infinitos sistemas superiores (abertos) <ul style="list-style-type: none"> • Representantes: (?) [Hiper-críticas futuras (?)]

(Quadro 2)

Neste quadro, as duas colunas guias (sistema aberto e fechado) e as duas linhas guias (relativo e absoluto) são cruzadas entre si de modo a produzir as quatro definições dadas: (1) sistema fechado relativamente, (2) sistema fechado absolutamente, (3) sistema aberto relativamente, (4) sistema aberto absolutamente. Nos quadrantes referentes a cada uma destas quatro definições são indicadas as suas respectivas notas distintivas e os seus possíveis representantes. Em particular, a definição 4 é satisfeita apenas parcialmente por Kant (ver o último quadrante).

A tese defendida neste trabalho é a de que Kant e Fichte concebem, de modo geral, sistemas fechados na *CRPu* e na *DC*, respectivamente. Para Kant, a *CRPu* é o sistema fechado formado pelos conceitos e princípios *a priori*, e para Fichte a *DC* é o sistema fechado constituído pelo princípio único do Eu Puro. A partir das definições dadas acima, pode-se concluir que seus respectivos sistemas são fechados diferentemente.

No caso do sistema da *CRPu*, Kant o concebe, simultaneamente, como *fechado* e *aberto relativamente* (definições 1 e 3). De modo geral, em ambos os casos, isso significa que o seu sistema teórico deduz uma dada classe de sistemas e, ao mesmo tempo, é dedutível de outro sistema superior ou mais forte. De uma parte, a *CRPu* é *aberta relativamente* (definição 1) na medida em que pressupõem sistemas superiores fechados absolutamente, tal como o sistema da razão pura ou metafísica, concebido por ele como o único sistema mais forte que a *CRPu* (na verdade, Kant supõe que este supersistema da metafísica deduz todo o sistema crítico em geral – o teórico, o prático e o estético). Por uma parte, a *CRPu* é *fechada relativamente* (definição 3), porque: (i) ela deduz o sistema da ciência em geral e o sistema da filosofia transcendental (em particular, diz Kant, os conceitos da filosofia transcendental são dedutíveis analiticamente do seu sistema teórico); e (ii), ela nega que tal dedução seja realizável por um sistema equivalente ela ou por um sistema superior e distinto da metafísica – tal como seriam os casos dos sistemas *hipercríticos* ou *metacríticos*²⁴ – em razão da suposta completude e correção do seu próprio sistema crítico.

No caso da *DC*, Fichte concebe seu sistema como *fechado absolutamente* (definição 2), pelo fato de não admitir, em qualquer hipótese, sistemas superiores ou mais fortes que o seu. A *DC* é o sistema de todos os sistemas e, deste modo, equivale, em certo sentido, ao próprio sistema da razão pura ou da metafísica idealizado por Kant. Neste sentido, a *DC* é o supersistema que deduz todos os sistemas do saber em geral, quer científico ou filosófico – inclusive a própria *CRPu*. Na verdade, a exposição do sistema da *DC* faz uma indicação geral de que modo, a partir do seu único princípio, são dedutíveis os conceitos e princípios do sistema da *CRPu*.²⁵

Para finalizar tais definições, convém assinalar que as concepções de sistema de Kant e Fichte não se coadunam ao conceito de sistema *aberto*

²⁴ A expressão “hipercrítica” – e de modo similar “metacrítica” – foi usado por Kant para caracterizar os sistemas elaborados com a intenção de serem, em algum sentido, superiores e mais fortes que o da própria *CRPu*, tais como os sistemas propostos por Reinhold (1789), Fichte (1794) e Hamann (1800). (Cf. F. Gil, 1992, p. 167, 299; J. Beckenkamp, 2004, p. 18).

²⁵ Indiretamente, Fichte critica a concepção de sistema fechado em Kant por este estar sujeito à abertura ou revisões futuras, ao contrário do seu próprio, que tem fechamento absoluto (*CDC*, B 57, 59).

absolutamente (definição 4). De fato, ambos os filósofos têm em comum a concepção do sistema absoluto, isto é, a suposição de haver, em algum momento, um sistema superior, finito e incondicionado, posto como o termo final ou último de uma série hierárquica de sistemas. Para o primeiro, este sistema absoluto ou supersistema é a metafísica e, para o segundo, a própria *DC*.²⁶

A confrontação geral das posições defendidas por Kant e Fichte acerca dos seus respectivos sistemas filosóficos conduz a três conclusões de natureza metateórica.

1ª Conclusão: Embora Kant considere que o sistema da *CRPu* é uma preparação ao sistema da razão pura ou da metafísica, não se pode, todavia, admitir que a *DC* seja reconhecida como a proposição deste último sistema. A razão disso é que, por definição, tal sistema da metafísica deve conter os conceitos e princípios *a priori* que permitam obter todos os conhecimentos puros – inclusive aqueles acerca da alma e de Deus. Ora, a *DC* (e por extensão todos os sistemas hiper-críticos posteriores a *CRPu* – incluindo a *Ciência da lógica* de Hegel) não foram capazes de estabelecer conhecimentos desta espécie, o que exclui identificá-la ao sistema superior da metafísica ou da razão pura concebido por Kant.

Entretanto, se a *DC* não é ainda o sistema da razão pura previsto por Kant, ela certamente pode ser considerada uma espécie de *hiper-crítica* – o que é também extensivo aos outros sistemas filosóficos que se seguiram à *Crítica* (tal como a *Ciência da lógica* de Hegel). Em geral, por definição, o sistema hiper-crítico é aquele construído com outros conceitos e princípios superiores ou mais fortes, no sentido de que deles se deduzem os conceitos e princípios de outros sistemas inferiores ou mais fracos. Em particular, Fichte indica que o sistema hiper-crítico da *DC*, contendo um único princípio, obtém a dedução do sistema crítico da *CRPu*.²⁷ A partir deste fato, levando-se também em consideração o sistema da metafísica idealizado por Kant, decorrem quatro consequências: (i) Só o sistema da metafísica é fechado absolutamente; (ii) Os sistemas crítico e hiper-crítico são *fechados relativamente* (por exemplo, a *DC* é fechada em relação à *CRPu*, e esta é fechada em relação à ciência); (iii) Os sistemas crítico e hiper-críticos são *abertos relativamente* (por exemplo, a *CRPu* é aberta em relação à *DC* e à metafísica, e *DC* é aberta em relação à metafísica); (iv) Os

²⁶ Em particular, no caso de Fichte, convém notar que o sistema absoluto e finito da *DC* contém como seu elemento um princípio infinito, o Eu Puro, o que, por sua vez, cria o problema de se compreender como é possível se harmonizar estes dois conceitos: um sistema finito contendo um elemento infinito.

²⁷ Diferentemente, no caso do sistema hiper-crítico da *Ciência da lógica* de Hegel, a dedução da *CRPu* é obtida a partir de apenas dois conceitos fundamentais: o *ser* e o *nada*.

sistemas hipercríticos são sistemas *intermediários* entre o sistema crítico e o da metafísica (por exemplo, de um lado, a *DC* é superior ou mais forte que o sistema da *CRPu* e, de outro, é inferior ou mais fraco que o sistema da metafísica).

2ª Conclusão: Em particular, o sistema hipercrítico da *DC* é constituído por um único princípio (Eu Puro), o qual é definido com a propriedade de ser *infinito*. Em certo sentido, esta propriedade pode ser compreendida como a capacidade de tal princípio (eu) produzir infinitas sentenças no interior do sistema. Com efeito, dentre tais sentenças possíveis, há aquelas referentes à questão do idealismo e do realismo, as quais são insolúveis dentro do próprio sistema da *DC*.²⁸ Este fato conduz a duas consequências: (i) A solução da questão do idealismo e do realismo só é possível com a construção de sistemas superiores e mais fortes que a própria *DC*²⁹; (ii) A introdução de um princípio com propriedade infinita no interior de um sistema, supostamente fechado, torna necessariamente este sistema aberto (na medida em que é possível, em princípio, produzir sentenças insolúveis dentro do próprio sistema).

3ª conclusão: Do ponto de vista metateórico, a confrontação adequada entre o sistema crítico e os sistemas hipercríticos revela os seguintes resultados: (i) De um lado, os sistemas hipercríticos são superiores e mais fortes que o crítico, no sentido que deduzem os conceitos e princípios deste último; (ii) De outro lado, os sistemas hipercríticos são equivalentes ou equipotentes ao sistema crítico, no sentido que ambos não resolvem satisfatoriamente o problema do idealismo-realismo; (iii) Além disso, um sistema hipercrítico somente pode ser considerado superior e mais forte que o sistema crítico, nos sentidos (i) e (ii) indicados acima, se satisfaz duas condições: primeira, deduz os conceitos e princípios do sistema crítico e, segunda, resolve o problema do idealismo-realismo; (iv) De fato, inexistente ainda um sistema hipercrítico que satisfaça plenamente a estas duas condições; (v) Por fim, a proposição de um sistema hipercrítico que satisfaça às condições requeridas acima poderá demonstrar, inclusive, a inexistência de um sistema fechado absolutamente e, portanto, do sistema

²⁸ Cf. J. Sallis, 1976, p. 80-2.

²⁹ Convém notar que questão idealismo-realismo é um problema de natureza *teórica* e exige igualmente uma solução *teórica*, o que inviabiliza, portanto, uma suposta solução *prática* no interior do sistema hipercrítico da *DC*, tal como sugere o próprio Fichte no seguinte trecho relativo a esta questão: “O que possa determinar, por sua vez, essa determinação, permanece totalmente indecído na *teoria*: e por essa incompletude somos, pois, impelidos a ultrapassar a *teoria* em direção a uma parte *prática* da *DC*” (*DC*, B 179).

metafísico ou supersistema sonhado segundo os modelos de Kant e Fichte.³⁰

b) As propriedades do sistema em Kant e Fichte

De modo geral, conclui-se que as propriedades do sistema são analisadas com mais clareza e distinção em Fichte que em Kant. No primeiro filósofo estes conceitos são abordados separadamente, ao passo que no segundo encontram-se fundidos ao próprio conceito do sistema.

Em linhas gerais, ambos consideram que seus sistemas filosóficos têm a propriedade da completude, da unicidade e da correção, embora concebam cada uma delas diferentemente no contexto da *CRPu* e da *DC*. Enquanto Kant identifica tais propriedades em referência aos seus sistemas arquetônicos e tabulares, Fichte as refere em um único sistema global (ou macrosistema).

Quanto à completude, Kant reconhece que a sua máxima amplitude não ocorre no sistema da *CRPu*, mais no sistema superior da metafísica. Por sua vez, Fichte postula que a completude máxima já é dada no próprio sistema da *DC*, dado que não há sistema superior a ela.

Quanto à unicidade, os dois filósofos apresentam concepções em algum sentido problemáticas. No caso de Kant, porque a unicidade ou é idealizada no sistema da metafísica, ou é obscurecida na questão da raiz comum. No caso de Fichte, devido ao fato de oferecer uma prova circular contendo dificuldades lógicas (indicadas acima).

Por fim, quanto à questão da correção, ambos sustentam novamente posições problemáticas. Em linhas gerais, o problema da correção dos dois filósofos consiste em que a sua base ou padrão de medida é definido de modo absoluto, ao tomar por referência outro sistema como supostamente correto. Em Kant, isso ocorre porque ele baseia a correção dos sistemas tabulares em um critério lógico (a tábua dos juízos), a qual é sujeita a críticas.³¹ Em Fichte, isso se dá porque a prova da correção da *DC* não é rigorosa, mas apenas verossímil relativamente ao sistema do espírito humano.

O cotejo geral acerca das propriedades do sistema em Kant e Fichte permite extrair-se uma conclusão adicional de natureza metateórica ao

³⁰ Em linhas gerais, este novo sistema hipercrítico estabelecerá, possivelmente, para a filosofia resultados semelhantes aos que foram propostos para a lógica pelos teoremas da incompletude de Gödel e pela teoria semântica de Tarski.

³¹ Por exemplo, Strawson chama a atenção para o fato de que os juízos hipotéticos e disjuntivos contidos na tábua de juízos de Kant são, de acordo com a lógica moderna, equivalentes, e não distintos (1966, p. 72-3).

considerar-se a teoria de sistema contemporânea, tendo em vista que atualmente as propriedades do sistema são consideradas em geral como conceitos metateóricos.³²

4ª Conclusão: No contexto da filosofia da lógica, isso significa dizer que as propriedades do sistema discutidas por Kant e Fichte (completude, unicidade e correção) se referem a um sistema visto em sua totalidade, as quais, por sua vez, não podem ser formuladas pelo próprio sistema, mas somente a partir de um metassistema. Em outras palavras, as referidas propriedades não podem ser estabelecidas por um sistema que se considere simultaneamente como sujeito e objeto. Pelo contrário, para viabilizar tal reflexão, é necessário que se construam dois sistemas distintos, em que um deles seja considerado o objeto (ou o sistema-objeto) e o outro o sujeito (ou o sistema-sujeito), a fim de que, por meio deste último, se reflita adequadamente sobre as propriedades do primeiro. Por exemplo, a afirmação de que um sistema é completo ou correto não pode ser feita pelo próprio sistema, o sistema-objeto, através de uma autorreferência, mas necessita ser realizada pela construção de outro sistema de ordem superior, um metassistema.

Historicamente, as reflexões de Kant e Fichte sobre as propriedades do sistema situam-se aquém destas considerações metateóricas contemporâneas. Para eles, tais propriedades são autorreferidas a partir dos seus respectivos sistemas, sem considerarem a exigência de construir um metadiscurso para fundamentarem adequadamente aqueles conceitos. Este fato corrobora a hipótese de que o sistema da *CRPu* e da *DC*, em particular – e, de modo geral, os sistemas hipercríticos – necessitam ainda de uma reflexão metateórica conseqüente acerca das suas propriedades sistêmicas, a qual leve em consideração os resultados contemporâneos acima mencionados.

A justificativa desta hipótese é plausível mediante a consideração da definição de sistema *absolutamente aberto* (definição 4), a qual foi a única das quatro definições formuladas acima não satisfeita plenamente por Kant e Fichte e, portanto, não foi empregada para caracterizar as relações entre os sistemas concebidos por ambos. Em contraposição, pode-se encontrar exemplo da proposição de sistema aberto absolutamente no desenvolvimento da lógica moderna mediante os teoremas da incompletude de Gödel, os quais estabeleceram não haver um sistema último para a fundamentação da aritmética e, por essa razão, ser necessária a construção progressiva de sistemas formais superiores ou mais fortes *ad infinitum*.³³

³² Cf. Nagel (1976); Tarski (2007).

³³ Embora seja possível objetar que os resultados da incompletude de sistemas sejam válidos apenas para o campo das ciências formais, mas não para o da filosofia, convém fazer as seguintes

Diante do exposto, pode-se formular o derradeiro problema com o qual se encerra este trabalho: em que sentido é possível conceberem-se sistemas absolutamente abertos em filosofia? Naturalmente, qualquer que seja a resposta dada a esta questão, ela se situa necessariamente além dos limites das filosofias de Kant e Fichte.

Referências

- ALBERT, Hans. *Tratado da razão crítica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- BECKENKAMP, Joãosinho. *Entre Kant e Hegel*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BEISER, Frederick. *The fate of reason: German philosophy from Kant to Fichte*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1987.
- BONACCINI, Juan. “Nota sobre o problema da fundamentação última da Begriffsschrift de Fichte”, *Dois Pontos* 4.1 (2007): 47-61.
- FICHTE, J. Gottlieb. *A doutrina-da-ciência (1794)*. (Col. Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- FICHTE, J. Gottlieb. *Sobre o conceito da doutrina-da-ciência ou da assim chamada filosofia (1794)*. (Col. Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- FICHTE, J. Gottlieb. *O princípio da doutrina-da-ciência (1797)*. (Col. Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- FICHTE, J. Gottlieb. *O programa da doutrina-da-ciência (1800)*. (Col. Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- FICHTE, J. Gottlieb. *A doutrina-da-ciência e o saber absoluto (1801)*. (Col. Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- FILHO, Rubens T. *O espírito e a letra: a crítica da imaginação pura em Fichte*. São Paulo: Ática, 1975.
- GIL, Fernando. *Recepção da Crítica da razão pura: antologia de escritos sobre Kant (1786-1844)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.
- HEIDEGGER, Martin. *Kant y el problema de la metafísica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Lisboa: Edições 70, 1986.

advertências: (i) Kant e Fichte elaboraram reflexões teóricas sobre sistemas e suas propriedades, as quais estão sujeitas a todas as suas implicações filosóficas e formais; (ii) em princípio, com algumas restrições e adaptações, o sistema filosófico de cada um destes filósofos pode ser transformado em um *sistema formal* de princípios, de modo que se tornem sujeitos aos mesmos princípios da incompletude válidos para os sistemas da lógica; (iii) em particular, como os seus sistemas filosóficos se referem em geral ao sujeito (Kant) ou à consciência (Fichte), pode-se dizer que a aplicação dos princípios da incompletude sobre tais sistemas apenas revele algo facilmente admitido pelo senso comum, a saber, que a natureza destes sistemas, do ponto de vista de um ente finito, é aberta e não fechada.

- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- MARQUES, António. *Organismo e sistema em Kant: ensaio sobre o sistema crítico kantiano*. Lisboa: Presença, 1987.
- LOPARIC, Zeljko. *A semântica transcendental de Kant*. Campinas: UNICAMP, 2001.
- LOPARIC, Zeljko. “Heurística kantiana”, *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 5 (1983): 73-89.
- NAGEL, Ernest; NEWMAN, James. *Prova de Gödel*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- SALLIS, John. “Fichte and the problem of system”, *Continental Philosophy Review*, 9.1 (1976): 75-90.
- STRAWSON, Peter. *Los límites del sentido: ensayo sobre la Crítica de la razón pura de Kant*. Madrid: Revista de Occidente, 1968.
- TARSKI, Alfred. *A concepção semântica da verdade*. São Paulo: Unesp, 2007.
- ZÖLLER, Gunter. “From transcendental philosophy to Wissenschaftslehre: Fichte’s modification of Kant’s idealism”, *European Journal of Philosophy*, 15.2 (2007): 249-269.

Resumo: Este trabalho tem por objetivo geral apresentar a concepção de sistema elaborada por Kant e Fichte, e por objetivo particular refletir sobre as suas respectivas propriedades, a saber, a completude, a unicidade e a correção. As problemáticas levantadas em torno destes objetivos dirigem-se a duas questões: 1) Os sistemas filosóficos de Kant e Fichte são abertos ou fechados? 2) Em que sentido eles concebem as propriedades do sistema (completude, unicidade e correção)? Quanto à primeira questão, o trabalho sustenta a hipótese de que ambos defendem, não obstante pressupostos filosóficos distintos, uma teoria de sistema fechado, sendo esta fundada em um conjunto de conceitos e princípios específicos. Quanto à segunda questão, será defendido que os dois filósofos concebem as propriedades do sistema de forma ligeiramente distinta, embora este tema seja desenvolvido com maior clareza em Fichte. Como conclusão, o trabalho realizará algumas reflexões metateóricas sobre o conceito de sistema e suas propriedades nas filosofias de Kant e Fichte.

Palavras-chave: Sistema, completude, unicidade, correção, Kant, Fichte

Abstract: This work has the general objective to present the conception of system developed by Kant and Fichte, and particular objective to reflect on their respective properties, namely the completeness, uniqueness and correction. The problems raised around these objectives are addressed to two issues: 1) the philosophical systems of Kant and Fichte are open or closed? 2) In what way they conceive system properties (completeness, uniqueness and correction)? The first question,

the work supports the hypothesis that both defend, despite different philosophical assumptions a closed system theory, which is founded on a set of specific concepts and principles. The second question, it will be argued that the two philosophers conceive the properties of the system slightly differently, although this theme is developed more clearly in Fichte. In conclusion, the work will hold some metatheoretical reflections on the system concept and its properties in the philosophies of Kant and Fichte.

Keywords: System, completeness, uniqueness, correction, Kant, Fichte.

Recebido em 30/03/2015; aprovado em 30/05/2015.